



ALBERTO HIDDO MAI, SIDNEY 2000, 2000, ÓLEO S/ PAPEL.

PONTO DE VISTA

As imagens do Brasil

As imagens que os outros países têm do Brasil oscilam entre estereótipos consagrados e apreciações realmente sensíveis sobre nossa cultura. No entanto, a despeito de nossa possível inconformidade, o fato é que o país tem deficiências em muitas áreas, as quais acalentam as visões externas sobre ele. Mais do que isso, os próprios brasileiros contribuem insistindo na manutenção desses mesmos estereótipos. O artigo discute a importância de uma mudança de lente para que consigamos captar um outro Brasil.

por **Daniel Piza** JORNALISTA

É lugar-comum dizer que a imagem do Brasil no exterior é o estereótipo futebol, mulher & samba. E de fato é isso que vem à mente da maioria dos estrangeiros quando se menciona o nome do país. Mas há três reparos nessa história que vale

acentuar, justamente porque quase sempre esquecidos. O primeiro cabe já aqui na abertura: mencione Alemanha para um brasileiro e logo ele pensará em cerveja, nazismo e, quiçá, filosofia. Ou seja: reações espontâneas, impulsivas, raramente fazem jus

a uma cultura, a qualquer cultura. O mesmo sujeito que, ao ouvir Brasil, pensa naquele trio de referências não raro é aquele que também diz que sua capital é Buenos Aires... Estamos num nível de apreensão muito rudimentar, para não dizer

preconceituoso, e infelizmente ele parece soberano em toda parte.

Outro reparo está na observação de que muitas vezes são os brasileiros que ratificam ou até mesmo trabalham por essa imagem. Qualquer pessoa acostumada a testemunhar eventos brasileiros ou em homenagem ao Brasil em outros países sabe que quase sempre o estande nacional vai distribuir caipirinhas, fotos de “garotas de Ipanema” com fio dental, representantes de escolas de samba etc. Eventos diplomáticos caros e pomposos são organizados em torno desses quesitos. E quando moças de roupas verde-amarelas justas e curtas aparecem na torcida durante as transmissões de futebol, o que se vê o tempo todo na Copa do Mundo, a culpa certamente não é exclusiva dos *cameramen* e diretores de TV.

Terceiro reparo, o mais importante: o estereótipo é ruim, como todo estereótipo, e ainda mais quando dá corda para hábitos nocivos como o turismo sexual e o preconceito cultural; mas também tem relação com algumas das melhores contribuições dadas pelo Brasil ao mundo. Futebol é o esporte mais popular do planeta, além de movimentar bilhões de dólares na Europa. Que o Brasil tenha uma tradição de craques e conquistas, associada à idéia do futebol-arte, alegre, criativo e ao mesmo tempo eficaz (embora os próprios brasileiros insistam em dissociar esses atributos), só pode ter balanço positivo. Que um ritmo como o samba e seus desdobramentos, como a bossa nova, Chico Buarque e o tropicalismo, sejam admirados em todas as latitudes, *idem*. E até a noção

É comum ouvir em qualquer parte do território que “temos tudo”, não raro com uma nostalgia de um Éden não vivido nos tempos em que o Brasil era Pindorama, terra de exuberância tropical ainda não conspurcada por colonizadores.

de uma terra com uma liberdade sexual ou amorosa supostamente maior tem lá seu valor.

O Brasil visto de fora. Isso nos lança em outro aspecto: a imagem que se tem do Brasil no exterior não é unívoca, não é a mesma para todo mundo. Conheço muitas pessoas que têm um interesse genuíno pela cultura brasileira e sabem que ela não se resume àquela tríade, que não se encerra em – digamos – atividades mais “lúdicas” como o esporte e a música popular. Antes ainda: muitos analistas do futebol e da MPB sabem que sua qualidade não deriva somente da espontaneidade, das virtudes corporais, mas que a “obra” de um Pelé e de um Tom Jobim é *cosa mentale*, sofisticada, inteligente, complexa, não um produto meramente instintivo. Essas e outras pessoas sabem também que, como disse um dossiê da revista *The Economist* há cerca de dez anos, no Brasil existem cientistas, intelectuais e artistas que, individualmente, nada deixam a dever a seus pares do chamado Primeiro Mundo.

É claro que esse conhecimento é restrito a uma minoria. E que mesmo entre essa minoria produzem-se distorções sérias. Na França e na Alemanha, por exemplo, há uma tendência

em supervalorizar a expressão brasileira que contiver mais explicitamente a mensagem de sincretismo, de mistura racial e sensualidade. Os franceses sempre admiraram Jorge Amado por esse aspecto, ignorando outros escritores maiores do que ele – como, para dar um único exemplo, Graciliano Ramos, cuja ficção tem tantos pontos em comum com a literatura posterior de um Albert Camus. Também o sucesso, na França, de Paulo Coelho – que faz sucesso comercial no mundo todo, mas lá faz também sucesso intelectual – se explica por esse olhar antropológico. Já nos EUA, mais atentos à música brasileira, há uma tendência em considerar a bossa nova como um ramo do jazz, menosprezando a co-influência do samba-canção.

É fato, ainda, que o número de cientistas, intelectuais e artistas brasileiros dignos de atenção supranacional não é tão grande quanto sonham algumas pessoas por aqui. Eles são exceções, pois nossa cultura dá pouco valor ao trabalho intelectual, tornando difícil a sobrevivência dos que optam por essa carreira. Então não dá para querer que o mundo se ajoelhe diante das maravilhas brasileiras, muito mais escassas do que gostaríamos. Quando Brasil e Canadá se enfrentaram por causa dos subsídios às empresas de

aviação Embraer e Bombardier, me lembro de ter lido vários artigos que diziam que o Canadá pouco deu ao mundo, exceto alguns nomes como Glenn Gould e Saul Bellow... O Brasil não deu nem dá mais.

O exemplo da Embraer, no entanto, vem a calhar. Para muitos que acham que o Brasil é só carnaval e futebol, ou então uma vasta floresta com apenas algumas ilhas de concreto e criminalidade (a imagem do Rio passada no desenho *Os Simpsons*, em que macacos subiam nos carros em meio às ruas), é surpreendente saber que existe aqui uma empresa que produz jatos de médio porte de excelente qualidade, leves e adaptados a cada cliente, graças à tecnologia, engenharia e administração cultivadas por ela. Ou fundações e institutos como

Embrapa, Oswaldo Cruz, Butantan, Fapesp etc. Ou hospitais de primeiro escalão mundial. Ou mesmo universidades que, embora jamais tenham produzido um Nobel (como as argentinas produziram), são procuradas por estudantes de toda a América Latina. Ou escritores como Machado de Assis e Guimarães Rosa, inventores como Santos Dumont, compositores como Villa-Lobos...

Pode-se dizer que o elenco acima é mais ou menos conhecido nos círculos bem informados das principais cidades européias. Mas mesmo ele não é devidamente valorizado. Vamos agora às artes e idéias do presente: escritores como Milton Hatoum, cineastas como Luiz Fernando Carvalho, arquitetos como Isay Weinfeld, fotógrafos como Miguel Rio Branco, músicos como

Roberto Minczuk e cientistas como Miguel Nicolelis – todos esses têm alguma projeção internacional e contrariam o senso comum sobre o “subdesenvolvimento” brasileiro. Só que tampouco se encaixam em explicações sobre o que é ser brasileiro, sobre a essência nacional. Pois em sua maioria eles não são barrocos e sensuais ou não podem ser reduzidos a esses adjetivos; por mais que suas obras sugestionem descontração ou informalidade, usam linguagens e métodos que se distinguem pela precisão e discrição.

O Brasil visto de dentro. É importante observar que essa leitura da alma brasileira deriva em grande parte da visão de sua natureza. Mais uma vez: esse vício faz parte da história da



própria cultura brasileira. É óbvio, por exemplo, que se pode falar que a inspiração arquitetônica de um Oscar Niemeyer vem da geografia carioca, de seu jogo de suspensões e curvas (o que até leva outros a associá-la às formas femininas). Mas, como definição, será sempre limitadora, estigmatizadora, porque ignora a força da influência de Le Corbusier e da austeridade hiper-modernista. Muito da auto-imagem brasileira vem da noção estabelecida sobre seus dotes naturais únicos, edênicos, como o historiador Sérgio Buarque de Holanda examinou em seus livros.

A sensação de que o Brasil é “bonito por natureza”, como diz a canção, vem desde os primeiros cronistas pós-descobrimiento, a começar pelo próprio Pero Vaz de Caminha (“Em se plantando, tudo dá”), e sobrevive até hoje. Alguns grandes escritores enfrentaram essa imagem. O Policarpo Quaresma de Lima Barreto conhece de cor a flora e a fauna do Brasil e se diz capaz de “provar” que o Amazonas é mais extenso que o Nilo. Em *Os sertões*, de Euclides da Cunha, a dureza da caatinga, do semi-árido, onde atualmente reside quase metade da população brasileira, surge como a revelação de um Brasil profundo e complicado em que o embate com a natureza exige outra atitude. Graciliano Ramos, a propósito, fará uso da metáfora da turvação pelo calor para captar a angústia da existência.

Mesmo assim, é comum ouvir em qualquer parte do território – ou em redações escolares de crianças – que “temos tudo”, não raro com uma nostalgia de um Éden não vivido nos

Não é uma campanha publicitária ou outra que vai derrubar os estereótipos sobre o Brasil. É um longo processo de formação de consciência. No decorrer dele, muitas definições fáceis, muitos adjetivos e chavões cairão por terra.

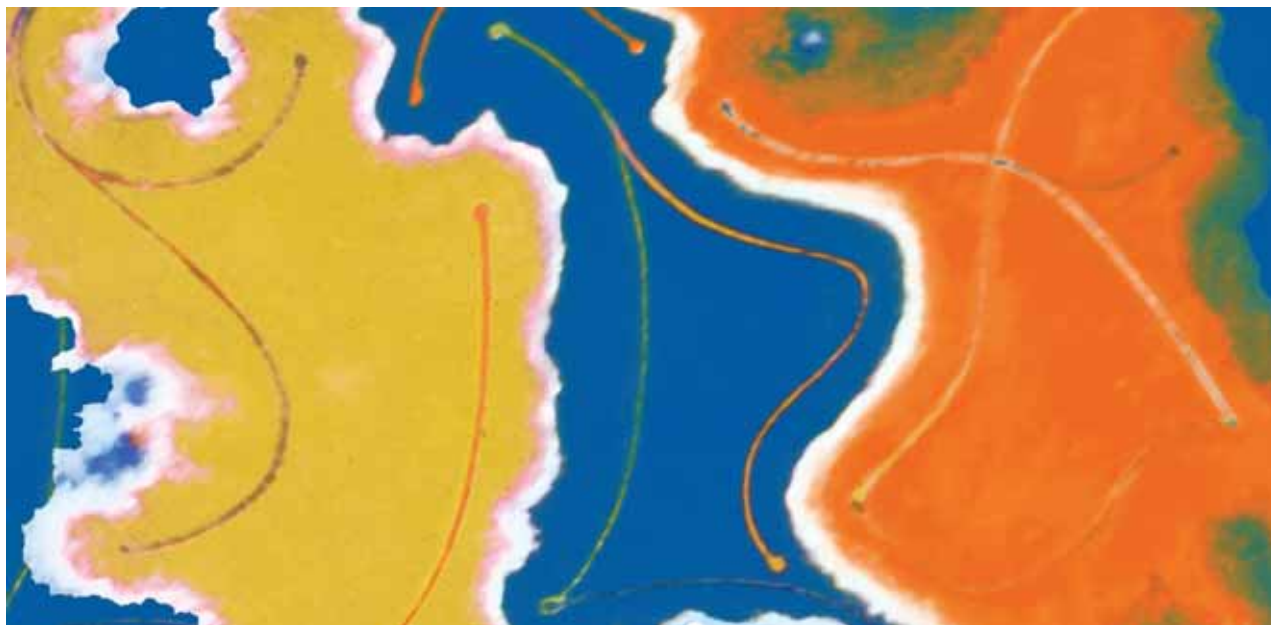
tempos em que o Brasil era Pindorama, terra de exuberância tropical ainda não conspurcada por colonizadores. Afonso Arinos, no livro *O índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, observou que boa parte da concepção do “bom selvagem” por intelectuais iluministas como Jean-Jacques Rousseau veio do comportamento dócil demonstrado por guaranis levados às cortes europeias. De certa forma, essa visão continua a ser cultivada por europeus e brasileiros. O olhar sobre o Novo Mundo tal como representado pelo Brasil passa sempre pela idéia de que aqui haveria uma forma de resgatar a comunhão com a natureza, a espontaneidade que nos reaproximaria de nós mesmos, já que “a civilização é triste”, repressora de seus instintos mais naturais, como se vê em determinadas interpretações do pensamento de Freud.

O outro Brasil. O Brasil, assim, para os outros e para si próprio, seria uma alternativa ao progresso industrial, destruidor do meio ambiente e da sensualidade, que seria o modelo europeu. No entanto, essa imagem é quebrada pela realidade contemporânea, tanto no sentido negativo quanto no positivo. No negativo, ela é quebrada pelos mais diversos exemplos

de desrespeito e desconhecimento de todos os ecossistemas. Da Mata Atlântica, que por sua beleza suave fascinou Darwin, hoje restam apenas 7%. A Amazônia perde grandes áreas ano a ano, com desmatamento para soja, pecuária, garimpo e madeira, sem controle e sem consciência. O Pantanal tem sofrido períodos de estiagem aguda, uma contradição em termos. Etc. etc.

Pelo lado positivo, o Brasil tem demonstrado que não é “atrasado” de Norte a Sul, mas que evoluiu no Índice de Desenvolvimento Humano em muitas praças. A urbanização, que era de 20% no início do século passado, hoje passa de 80%. O parque industrial tem porte respeitável. Consumidores gastam tempo e dinheiro na Internet. O comportamento brasileiro é, sem sombra de dúvida, favorável ao modo de vida atual, consumista, gastador. Nos últimos dez anos, a estabilidade monetária, a queda na desigualdade de renda e a abertura comercial têm surpreendido outros países, ainda que haja tantos e tantos problemas inclusive nesses setores. É um Brasil cosmopolita que produz trabalhos de ponta como os citados.

Aqui entra a grande questão: cadê a divulgação desse “outro” Brasil? Cada um deles se fez sozinho, abne-



gada e independentemente, contra as conhecidas adversidades. Entre essas adversidades, está a ignorância do próprio Brasil a respeito de seu trabalho, ou a falta de clawwreza para avaliá-lo devidamente. Sendo assim, como mostrar ao mundo que o Brasil não tem apenas Ronaldos, Caetanos e Giseles?

Voltemos, porém, a esses símbolos, porque também eles são mal lidos, como vimos durante a Copa da Alemanha deste ano. Dizem que os Ronaldos, Fenômeno e Gaúcho, são supercraques porque nasceram com o dom divino e, livres de freqüentar a escola (na opinião do atacante francês Henry), puderam exercitar esse dom com pés descalços em ruas de terra. É uma meia-verdade. Os Ronaldos existem também porque um dia existiram Leônidas, Didi, Pelé, Garrincha, Rivellino, Zico, Romário e muitos mais – uma tradição de excelência que inspira e às vezes sufoca cada

jovem candidato a jogador profissional. E esse talento não é apenas o de fazer efeitos com a bola, dar dribles e chapéus; nos melhores momentos, é também o de se organizar em campo, o de trocar a bola, o de converter vontade em resultado. Tanto é que esses atletas vão para a Europa e, apesar da fama de que treinam pouco e sorriem muito, se destacam acima dos outros (infelizmente, tais fatos foram esquecidos pela comissão técnica do Brasil na mais recente Copa).

O mesmo se pode dizer de uma tradição musical que, além de Tom Jobim, Chico e Caetano, tem Cartola, Noel Rosa, Pixinguinha, Dorival Caymmi, João Gilberto, João Donato e muitos compositores jovens. Não se trata apenas de intuição. Muito estudo e técnica são parte integrante da pesquisa de cada um, da busca de um caminho próprio e, portanto, novo. E também a moda brasileira, de Alexandre Herchcovitch e tantos

outros, reúne muito mais que sandálias havaianas.

O caminho a percorrer é, portanto, complexo. Antes de mais nada, envolve parar de ter medo de assumir que os estereótipos não têm fundo de verdade. Mas também por isso envolve uma mudança da própria auto-imagem do Brasil; e envolve ampliar para outros círculos além dos intelectuais a familiaridade com outros itens da cultura brasileira. Não é uma campanha publicitária ou outra que vai sanar esses problemas. É um longo processo de formação de consciência. No decorrer dele, muitas definições fáceis, muitos adjetivos e chavões cairão por terra. E aí quem sabe se poderá enxergar melhor o que o Brasil leva ao mundo.

Daniel Piza

Colunista de *O Estado de S.Paulo*

E-mail: Daniel.piza@grupoestado.com.br